

Literatura-Mundo e Poéticas do Presente: Modos de Ler

Rita Lenira de Freitas Bittencourt

Resumo: Ao trabalhar com o que denomino de Poéticas do Presente, tomo como pontos de partida as considerações de Buescu (2013) em relação à *Literatura-Mundo*, que coincidem amplamente com as propostas de David Damrosch (2003), e tento, nesse ensaio, apresentá-las brevemente, para, a seguir, avaliar suas implicações nas pesquisas, leituras e análises literárias. Considerada, aqui, basicamente, um modo de ler, a proposta da *Literatura-Mundo*, ao apresentar a figuração do mesmo com capa de novidade, bem como ao considerar alguns desvios possíveis em relação às outras denominações, talvez seja o termo mais adequado para dar suporte aos estudos em literatura comparada hoje, que vão pensar em agrupamentos em rede e em cosmopolitismo planetário. Vale a pena, portanto, aproximar-se da nova-velha *Literatura-Mundo* e realizar um breve apanhado dessas discussões, a partir de Buescu e Damrosch, retroagindo a Casanova(2002) e a Carvalhal (1986), para, em seguida, considerar as relações intra e extraliterárias e os textos contemporâneos, avaliando sua potência, atualidade críticas e suas implicações nas pesquisas, leituras e análises literárias.

Palavras-chave: poéticas do presente; comparatismo; literatura-mundo.

*“Eles vão à China, repetiu Raul num tom muito solene e irônico, e eu não pude reprimir uma gargalhada. E ri para não demonstrar meu desconcerto. O curioso é que era verdade. Entre abril e maio de 1974, uma delegação francesa composta por três membros da Revista Tel Quel (Sollers, Kristeva e Pleyner), juntamente com François Wahl e Roland Barthes, visitou a China. Foram de Pequim a Xangai e de Nanquim a Xian. Na volta, Barthes publicou um artigo célebre no Le Monde, onde se mostrava decepcionado diante do que havia visto e ouvido. O chá chinês lhe pareceu tão insosso como a paisagem. Disso e de certas reflexões sobre o maoísmo é o que lembro daquele artigo que, no dia em que apareceu, 24 de maio de 1974 - outro dia extraordinário de primavera -, li em meu sótão com sigiloso assombro diante do que ali se dizia. O artigo se intitulava "Alors, la Chine", e há quem diga que passou à história da literatura francesa do século XX. ”¹ Enrique Vila-Matas. **París no se acaba nunca** (2003, p.68-69).*

Há alguns tópicos, no âmbito da Literatura Comparada, que reaparecem de tempos em tempos ou que jamais deixam totalmente a cena dos debates especializados. Desde a postulação goethiana da *weltliteratur*ⁱⁱ, a preocupação em discriminar os alcances ou em assinalar os limites do que seria um conjunto mundial de textos literários, a conformar uma área de estudos e a conjugar vários pesquisadores e escritores, torna-se um dos pontos cruciais de discussão e prática, nos encontros e nos colóquios, dentro e fora das associações, dentro e fora das publicações.

É o que, mais uma vez, trago para a discussão, pensando numa expressão da moda: *Literatura-Mundo*. E tomo como ponto de partida o trecho vilamatasiano pós 68, citado em epígrafe, tomando-o em duas direções: A primeira, pondo foco na aventura de Barthes e Cia. e na confecção do artigo *Então, China?*, nos quais, segundo Vila-Matas, a China de Mao não correspondeu ao que esperavam os intelectuais franceses, nem ao que pensavam de Mao, ou da China. A segunda, em direção à ficção-teórica do escritor espanhol, que fala catalão e vive em Barcelona, ao sugerir que a história da literatura francesa do século XX passa pela verbalização do equívoco e pelo desapontamento.

Tem-se, nesses movimentos, uma visada literária moderna na qual as geografias se estranham: China – França – Espanha - Catalunha. O que vai resultar num quadro de referências que o narrador denomina de “sigiloso assombro”, um misto de desconexão e de variedade de registros capaz de perturbar os tempos e as certezas a respeito do mundo, da política, da literatura.

Embora ainda persistam no jargão acadêmico comparatista as expressões *Literatura Mundial*, *Literatura Geral*, *Literatura Universal*, tem se destacado a denominação mais atual *Literatura-Mundo*, que mesmo tendo recortes e usos semelhantes aos das anteriores, teria, segundo a teórica portuguesa Helena Buescu (2013), sentidos não coincidentes e alcances distintos. Um deles seria a relação tensa com o campo do nacional; outro, a interdependência amigável com a área da tradução. Além da configuração de modos de leitura mais vinculados a tempos, espaços e contextos variados ou múltiplos.

Ao trabalhar com o que chamo de Poéticas do Presente, tomo como base as considerações de Buescu em relação à *Literatura-Mundo*, que coincidem amplamente com as propostas do norteamericano David Damrosch (2003), e tento, nesse ensaio, apresentá-las brevemente, para, a seguir, avaliar suas implicações nas pesquisas, leituras e análises literárias. Considerada, aqui, basicamente, um modo de ler, a proposta da *Literatura-Mundo*, ao apresentar muito da figuração do mesmo com capa de novidade, bem como ao considerar alguns desvios possíveis em relação às outras denominações, talvez seja o termo mais adequado para dar suporte aos estudos em literatura comparada hoje, que vão pensar em agrupamentos em rede e em cosmopolitismo planetário. Resta saber se a alteração do termo implica em outras possibilidades de trabalho crítico.

Antes, porém, de aproximar a nova-velha *Literatura-Mundo* e as Poéticas do Presente torna-se necessário um breve apanhado dessas discussões, especialmente, como já foi citado, a partir de Carvalhal (1986) e Buescu, passando por Casanova(2002) e e Damrosch, para, em seguida, abordar as relações intra e extraliterárias em suas relações com os textos contemporâneos.

1. Literatura-Mundo e literaturas em língua portuguesa

Voltando um pouco no tempo, para Tânia Carvalhal (1986), os termos *Literatura Geral* e *Literatura Mundial* foram, durante um bom período, quase sinônimos da *Weltliteratur*, já que definiram literaturas de fundo compartilhado, composto pela totalidade das grandes obras, além de apresentarem diferentes possibilidades de integração das literaturas entre si, corrigindo-se umas às outras e em relação estreita com a historiografia literária, perspectiva herdeira, em boa parte, dos trabalhos de Paul von Tieghe (1931), para quem a Literatura Comparada poderia limitar-se a análises preparatórias aos trabalhos de *Literatura Geral*, tendo, assim, um caráter complementar e suplementar na elaboração de grandes quadros históricos.

Por isso, ainda segundo Carvalhal, um intelectual do porte de Tasso da Silveira, que ficou conhecido como o primeiro comparatista brasileiro, vai encarnar um padrão - que é um modo de ser, ler e ver: torna-se um tipo que é quase um super homem de erudição, que conhece amplamente várias línguas e respectivas literaturas e que também se esforça por acompanhar relações literárias múltiplas em análises simultâneas, embora, na época, restritas às aproximações binárias e aos limites de conhecidas famílias literárias.

Só com o avanço dos estudos artísticos, incluídos nas análises comparatistas, e com o desenrolar das investigações na área da semiologia é que, na esteira de Barthes e com uma releitura local de Borges, se irá propor um discurso crítico latino-americano que, de algum modo, corroerá por dentro, as tão assentadas bases do que se entendia até então como *Literatura Geral*, ou *Mundial*, de deriva goethiana, entre nós. Por outro lado, a carga erudita do intelectual, diante das novas tecnologias, também se mostra incompetente em seus propósitos primeiros, diante da impossibilidade de abarcar o mundo. Além disso, os velhos quadros historiográficos se tornarem obsoletos, em

decorrência da sobreposição de planos espaciais e temporais nos infinitos marcos finais do moderno.

Se para Carvalho, há um enfraquecimento de um tipo de trabalho, de cunho mais estruturalista e panorâmico, para Buescu, a *Literatura-Mundo* ou *World Literature*, como deriva, ainda, da *Weltliteratur*, tem sido definida como uma espécie de conversa, de entendimento e troca entre as literaturas nacionais, mesmo que ela tenha reservas ao termo "nacionais", pois sua atuação se dá em universo lusófono, que é transnacional. A pesquisadora tem retomado com alguma ênfase as aproximações anteriores, das quais considera as semelhanças expressivas entre as literaturas do mundo, mas vai tratar a questão, sobretudo, como uma opção teórica:

a minha opção pelo uso do conceito e da expressão de literatura-mundo aceita-a como adaptação da expressão *littérature-monde*, proposta em 2004 por um grupo de escritores e intelectuais franceses, justamente para sublinhar a não-coincidência com expressões tradicionais consagradas e academicamente implicando um determinado tipo de práticas e até metodologias já implantadas. A opção por literatura-mundo quer significar uma forma diferente de conceber a expressão mundial ou planetária da literatura, expressão que é simultaneamente dilatada (ou seja, potencialmente planetária) sem que com tal se pretenda qualquer efeito de exaustividade, completude, fechamento ou mera representação quantitativa. (2013, p.54)

Buescu também deixa claro, ao considerar a *Literatura-Mundo* reinaugurando um certo cosmopolitismo, digamos, mais aberto, uma permanente reserva em relação a zonas linguísticas localizáveis (lusofonia, francofonia, etc) o que, de algum modo joga, efetivamente, a discussão para fora dos termos e das fronteiras nacionais. No caso da literatura em português, por exemplo, que passa por uma conjugação entre nacional e pós-nacional, por heranças de natureza pós-colonial e pós-imperial, na teoria, estão implicadas a variabilidade temporal e histórica: "A literatura-mundo pode assim ser compreendida como experiência simultânea do comum e do incomum: um arquivo de semelhanças potenciais, mas também de diferenças e infinitas variações"(Idem, ibidem, p.56).

Remontando às experiências do historiador da arte Aby Warburg, com seu atlas *Mnemosine*, Buescu resgata o termo ou a ideia de "boa vizinhança", um tipo de relação capaz de promover encontros inesperados entre livros, textos, bibliotecas e arquivos diferentes, em chave afetiva, como uma prática concreta de abordar a memória cultural: "A memória cultural, que a experiência literária permite reconfigurar sempre em termos pessoais e simultaneamente comunitários, encontra na literatura como experiência de arte (...) um de seus mais poderosos meios não apenas de sobrevivência, mas, sobretudo, de construção, mesmo de *invenção*". (Idem, ibidem, p.15).

Sem, portanto, abrir mão da história, mas considerando as possibilidades de até mesmo inventá-la, a teórica se situa num espaço de confluência entre uma antiga e uma nova filologia. Tratar-se-ia de promover retornos ao passado na busca de imaginar o que pode vir, ou, no dizer de outro teórico, Raul Antelo, no pensamento mesmo de uma arquivologiaⁱⁱⁱ.

2. República Mundial das Letras e Literatura-Mundo

Continuando mais um pouco com Buescu, vale a pena ler seus comentários a respeito do livro de Pascale Casanova: "a *República Mundial das Letras* é na realidade ao mesmo tempo uma tentativa explícita de uma crítica literária internacional e uma descrição de um certo tipo de literatura mundial" (idem, ibidem, p.130). Assim, coloca em destaque os princípios da transnacionalidade, transhistoricidade e da diversidade

como pilares do pensamento da literatura já da República, ao mesmo tempo em que faz uma crítica ao ponto de vista francês, no qual ela ainda identifica traços ou tendências eurocêntricas.

Por outro lado, nas reflexões de Casanova, percebe-se que sua República Mundial é entendida como uma fábrica poderosa e invisível de universal literário, respeitadas ainda as fronteiras nacionais, e, por isso, seus postulados estariam mais próximos do que se entendia antes por *Literatura Mundial*. Seu livro circula ainda no campo das Literaturas autônomas, ou seja, na modernidade, além de se manter centrado na historiografia - com a ressalva de que, para a teórica, a historiografia “verdadeira” incluiria os excêntricos: os escritores “periféricos, desprovidos, dominados” do campo literário.

A ideia dos excêntricos, desenvolvida em todo o primeiro capítulo, inclui o que a teórica denomina de “as pequenas literaturas” - à qual eu oporia, por antonomia, a noção de “literatura menor”, de Deleuze e Guattari, desenvolvida no belo tratado sobre a obra de Franz Kafka, em meados da década de 70. Já os argumentos mais interessantes estariam no quarto capítulo, que expõe as tragédias dos “homens traduzidos”, onde ela inclui o Brasil, com *Macunaíma*, de Mario de Andrade. Nesta direção, Casanova propõe ver o livro como arma crítica a serviço dos textos de ruptura, que inclui os assimilados, revoltados, revolucionários - além dos “pequenos” - Beckett e Kafka; e traduzidos - Mario e Kafka. Obviamente, suas considerações acabam dando a ver o texto Outro, e definindo, nesta prática, uma espécie de tarefa (ou compromisso) do intelectual moderno em relação à literatura do mundo.

De cunho nitidamente dialético, visando escovar a literatura a contrapelo, a proposta da *República Mundial da Letras* pensa que “a elaboração de um método de interpretação dos textos literários, baseada em uma história literária renovada, é o instrumento indispensável na constituição de um novo universal literário” (CASANOVA, 2002, p.424).

Já David Damrosch vai assumir exclusivamente a denominação *Literatura-Mundo* (*World Literature*), inclusive no título de seu trabalho. Além de optar sempre por duplos: “as obras se tornam *Literatura-Mundo* ao entrarem no espaço de uma cultura estrangeira. Cada trabalho é *lócus* de negociação entre duas culturas diferentes” (DAMROSH, 2003, p. 283). Esta premissa, embora pareça avançar em relação às anteriores, torna-se um problema por insistir, ainda em relações binárias.

De forma ilustrativa, o teórico define o campo na imagem de um animal de duas cabeças - ou seja, entende que a circulação dos textos no ambiente da *Literatura-Mundo* se dá em duas direções ao mesmo tempo, o que oferece uma possibilidade de intercâmbio, mas não resolve a questão do binarismo. Ao contrário, o mantém quase até o final de seu texto, quando, enfim, situa a circulação do literário, pensado como interação, em campo mutante, definido por um conjunto de possibilidades de justaposição e combinação que é fluido e múltiplo. E daí encerra sua proposta de definição da *Literatura-Mundo* em uma espécie de trípico:

1. A *Literatura-Mundo* é uma refração elíptica das literaturas nacionais.
2. A *Literatura-Mundo* é escrita que sai ganhando com a tradução.
3. A *Literatura-Mundo* não é um conjunto de textos canônicos, mas um modo de ler: uma forma de engajamento desinteressado com mundos fora de alcance do nosso espaço e tempo. (DAMROSH, 2003, p.285. tradução minha.)

Talvez esses três aspectos conjugados abram caminho para inserir os modos de ler em uma espécie de guerra cultural/textual contemporânea, que põe em cena as

línguas e as culturas em relações de enfrentamento e de convivência, circulando entre as hipóteses tradutórias e os erros de leitura: quando a literatura assinala seus limites e dá a ver sua intraduzibilidade e a opacidade dos textos, quando ela pode não atingir um leitor padrão mundial, pois exige uma bagagem dele que escape das amarras globalizantes, ou seja, quando o mundial deixa de ser padrão, aí talvez possamos pensar a não legibilidade do outro, entendendo as marcas da intradutibilidade como configuradoras do literário e da própria teoria da *Literatura Mundo*.

3. Poéticas do Presente

Quais seriam, por fim e portanto, as implicações de tudo isso nas pesquisas, leituras e análises literárias? Mesmo com focos específicos ou com algumas variações, todas as leituras citadas, à primeira vista, são herdeiras da *Weltliteratur* goethiana, ou seja, falam mais de encontros do que de desencontros.

Por isso, considerando o *equivoco/desapontamento* fundador da literatura francesa moderna, proposto pela ficção de Vila-Matas lendo Barthes, e também o efeito do “sigiloso assombro” manifesto tanto pelo leitor-narrador, diante do artigo mencionado, quanto pelos leitores contemporâneos diante das escrituras híbridas que eu denomino teórico ficcionais, o que se poderia resgatar desses caminhos e descaminhos teóricos a respeito da noção *Literatura Mundo*?

Numa resposta rápida, eu diria que de Casanova, interessa a potência da leitura pela transgressão. De Damrosh, a *Literatura-Mundo* como o modo de ler e a incorporação valorativa da literatura em tradução. De Buescu, a exploração teórica da cena pós-colonial e a valorização do incomum, assim como a da boa vizinhança; e de Carvalho, a vocação filológica e, igualmente, a simpatia pela tradução e seus cruzamentos com a Literatura Comparada.

Mesmo assim, o que vale, nessa discussão, é menos o que se pode montar como totalidade de relações, de afinidades e de armazenamento de dados e mais o que se apresenta como enigma, pergunta, opacidade. Ali onde não se consegue inserir um mundo, está o mundo que interessa investigar: uma *Literatura-Mundo* tem que provocar fricções, hesitações, gagueiras. Não pode limitar-se a propor um espaço onde todos se entendem, mas ocupar-se das especificidades do próprio desentendimento, ou seja, precisa considerar as zonas de confusão, a indecisão fundadora da própria literatura que circula entre *corpus* de pesquisa (os próprios objetos), *corpus* teórico (todo o aparato conceitual mobilizado), corpo textual e corpo crítico (as materialidades desses objetos/imagens e a conjunção entre o pensamento e a linguagem).

Como a minha proposta investigativa se volta às poéticas híbridas do presente - Vila-Matas, Wilson Bueno, Aldir Garcia Shlee, Douglas Diegues e também a poesia escrita por mulheres -, a pesquisa só se monta e passa a existir ao existir-se um *corpus*, ao mesmo tempo intervalo e imagem tomando corpo, onde as ordens se confundem e até mesmo, às vezes, se sobrepõem. Isso impede a redação de projetos de base convencional: os objetivos, a metodologia, a fundamentação teórica de um lado e o *corpus* de outro. E dá a ver um texto literário como um *sigiloso assombro*, que interroga e se apropria do pensamento teórico. Nesse jogo, e a teoria passa a reivindicar para si, também, uma condição poético-ensaística e criadora.

Uma das poucas vezes em que Derrida se referiu diretamente à Literatura Comparada foi numa conferência que versou, entre outros temas, sobre Nietzsche, o Estado e a política do nome próprio, ministrada em francês, na Virginia (Charlottesville), em 1976, e intitulada *Otobiografias*. Ao ser convidado para abordar o texto da Declaração de Independência dos Estados Unidos e da Declaração dos Direitos Humanos, o anfitrião, Roger Shatuck, fez uma proposta complicada ao pensador, que ia

além das postulações filosóficas e demandava um deliberado embrenhar-se num mundo que, segundo ele, exigiria uma "teoria 'performativa' da escrita".(DERRIDA, 2009, P.12)^{iv}

Para Derrida, a dificuldade da abordagem incluía uma análise 'textual', ao mesmo tempo filosófica e literária (...).Um exercício, em suma, de literatura comparada com objetos insólitos para os departamentos especializados nesta improvável disciplina, a *comparative literature*."(Idem, p.11-12, destaque do autor)^v O que chama a atenção nesse trecho, em relação ao tema deste ensaio a respeito da noção *Literatura-Mundo* na prática comparatista, é o fato da Literatura Comparada ser, para Derrida, uma disciplina "improvável", que, curiosamente, deveria manifestar um certo espanto diante dos "objetos insólitos" de sua conferência - os dois textos das Declarações -, além da aproximação entre a Filosofia e a Literatura de um ponto de vista prático, performativo, que ele se propôs realizar.

Certamente se pode imaginar qual era a cena comparatista que se apresentou ao olhar do filósofo na Universidade da Virgínia, em 1976, e sua lição de análise, dá a ver e ensina muito a respeito do lugar teórico de onde se fala e das conexões interdisciplin¹inares que tornam textos autorais e fundadores parte da história de uma nação ou de muitas nações. Ao mesmo tempo resultantes de uma assinatura, de uma declaração de princípios, de uma conjunção política e de representação em nome do coletivo, essas escrituras ocupam um entre-lugar formal, de documento e narrativa de ficção - bases de uma comunidade imaginada, para falar com Benedict Anderson. Também podem estar situados entre várias disciplinas: filosofia, história, literatura, política e linguística, se considerarmos o ato performativo e fundador do gesto capaz de, no singular, firmar o nome, e, no plural, inaugurar um espaço jurídico.

Nada mais *comparative literature* do que o texto derridiano, portanto. Nada mais evidente, em função disso, do que sua percepção a respeito dos departamentos universitários, conservadores e pouco sensíveis a experimentações e inovações, a justificar seu honroso reconhecimento da disciplina como "improvável". Talvez deva passar por aí uma concepção e uma aplicabilidade da noção de *Literatura mundo*, em face aos desafios propostos pela conjunção chamada de Letras - literatura, teoria, cultura - nestes anos iniciais do século vinte e um. A improbabilidade pode ser tanto uma condição, quanto, simultaneamente, uma questão de método e uma garantia de sobrevivência.

ⁱ No original: "Se van a la China, repitió Raúl en un tono muy solemne e irónico, y no pudo reprimir una alegre carcajada. Y yo reí para no llevar la contraria. Lo curioso es que era verdad. En días de abril y mayo de 1974, una delegación francesa compuesta por tres miembros de la revista *Tel Quel* (Sollers, Kristeva y Pleyner), junto a François Wahl y Roland Barthes, visitó la China. Fueron de Pekín a Shanghai y de Nankín a Xian. A su vuelta, Barthes publicó un célebre artículo en *Le Monde*, donde se mostraba decepcionado ante lo que había oído y visto. El té chino le había parecido tan soso como el paisaje. Eso y ciertas reflexiones sobre el maoísmo es lo que más recuerdo de aquel artículo que el día en que apareció, un 24 de mayo de 1974 – otro extraordinario día de primavera -, leí en mi buhardilla con sigiloso asombro ante lo que allí se decía. El artículo se titulaba "Allors la Chine", y hay quien asegura que ha pasado a la historia de la literatura francesa del siglo XX". Tradução minha.

ⁱⁱ Assim define Tânia Franco Carvalhal, no vocabulário crítico de seu livrinho introdutório, *Literatura Comparada*: "'Weltliteratur': expressão cunhada por Goethe para designar a literatura mundial, que estaria além das fronteiras das nacionalidades. Entendida também como espécie de "fundo comum" a todas as literaturas nacionais" (2006, p.88). Ainda que seja uma definição muito simples, localiza o gesto do autor alemão, que, ao investir em algo fundamentalmente humano e universal, vai se contrapor a certa

tendência localista e nacional, de cunho romântico, buscando, em 1827, um espaço de diálogo interliterário, em solo europeu e antes da consolidação das formas modernas de estado.

ⁱⁱⁱ Segundo Antelo, "Jacques Lacan definia a tarefa do analista como uma hystoeria (hystoire), cujo objetivo consistiria em hystoristerizar (hystoriser) a si mesmo, oferecendo sua análise como algo 'um pouco parecido à anedota'" (lacan, 2003), ou, mais adiante, "a arqui-filologia funcionaria como uma autêntica mitologia crítica pós-fundacional, que sem cessar reabre nossa compreensão dos caminhos compartilhados por ficção e história". (2017, p.7 e 10).

^{iv} Na edição em espanhol: "una teoría de la escritura 'performativa'". Tradução minha.

^v O trecho, de abertura da conferência, está assim redigido na publicação em espanhol de *otobiografías*: "un análisis "textual", a la vez filosófico y literario, de la Declaración de Independencia y de la Declaración de los Derechos del Hombre. Un ejercicio, en suma, de literatura comparada con objectos insólitos para los departamentos especializados en esta improbable disciplina, la *comparative literature*.

REFERÊNCIAS:

ANDERSON, Benedict. *Imagined Communities*. Reflexions on the Origin and Spread of Nationalism. London: Verso Editions, 1983.

_____. *Imagined Communities*. Reflections on the Origin and Spreadf of Nationalism. Verso Editions. London, 1983.

_____. *Nação e consciência nacional*. Trad. Lólio Lourenço de Oliveira. ão Paulo: Ática, 1989.

_____. *Comunidades imaginadas: reflexões sobre a origem e a difusão do nacionalismo*. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

ANTELO, Raul. "Arqui-filologias do obscuro (ou quem conta história de dia cria rabo de cotia)". *Revista Letras*, Curitiba, n. 94 jun./dez. p.1 a 13. 2016.

BUESCU, Helena Carvalhão. *Literatura Comparada e Literatura-Mundo*. A experiência do incomum e boa vizinhança. Portugal, Porto: Porto Editora, 2013.

CARVALHAL, Tania. *O próprio e o alheio*. São Leopoldo: Ed Unisinos, 2003.

_____. *Literatura Comparada*. São Paulo: Ática, 2006.

CASANOVA, Pascale. *A república Mundial das Letras*. Trad. Marina Appenzeller. São Paulo: Estação Liberdade, 2002.

DAMROSH, David. *What Is World Literature?* EUA: Princeton University Press, 2003.

DERRIDA. *Otobiografías*. La enseñanza de Nietzsche y la política del nombre propio. Buenos Aires: Amorrortu, 2009.

SANTIAGO, Silviano. "O entre-lugar do discurso latino-americano". In: *Uma literatura nos trópicos*. São Paulo: Perspectiva, 1978.

VILA-MATAS, Enrique. *París no se acaba nunca*. Barcelona: Anagrama, 2003.

_____. *Paris não tem fim*. Trad. Joca Reiners Terron. São Paulo: Cosac Naify, 2012.